

os escolhidos

veronica roth

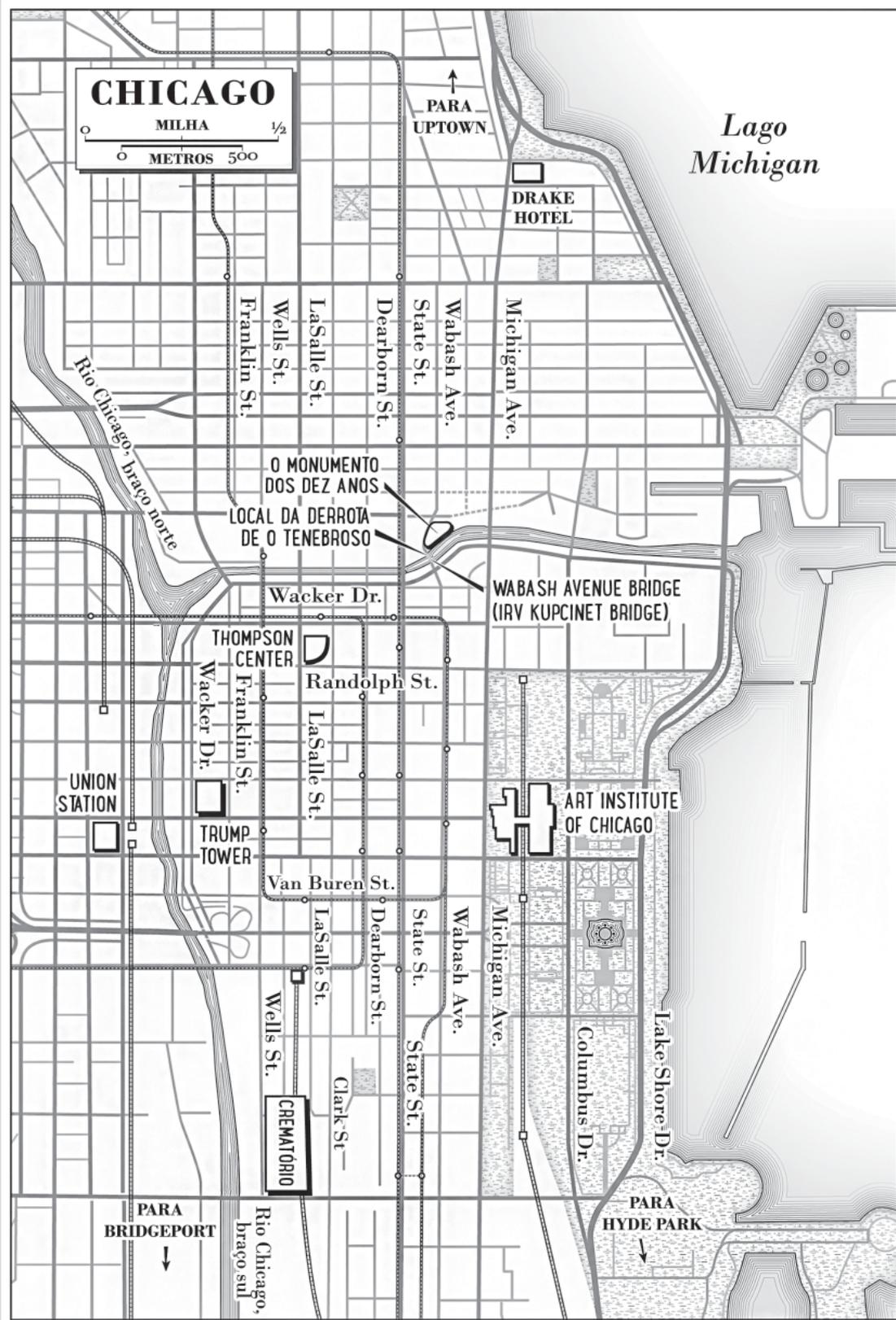
Tradução de Patrícia Xavier



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*Para Chicago,
a cidade que resiste*

PARTE UM



EXCERTO DA
atuação de *stand-up* da comediante Jessica Krys
Laugh Factory, Chicago, 20 de março de 2011

Tenho uma pergunta para vos fazer: Afinal, como acabámos com este nome, «O Tenebroso»? O tipo aparece do nada, numa porra de uma nuvem de fumo ou algo do género, desmembra as pessoas, literalmente — usando, ao que parece, apenas o poder da sua mente —, recruta um exército de súbditos, arrasa cidades inteiras, provoca um nível de destruição até então desconhecido para a humanidade... e «O Tenebroso» é o melhor que conseguimos arranjar? Mais valia termos-lhe dado o nome daquele tipo arrepiante lá do prédio que nos mira uns segundos a mais. Sabem, aquele que tem um aperto de mão mole e suado? Tim. Esse tipo chama-se Tim.

Eu cá teria optado por algo como «Agouro da Perdição em Forma de Homem» ou «Máquina Assassina Assustadora como a Porra», mas, infelizmente, ninguém me perguntou.

EXCERTO DE
O Tenebroso e a Emergência da Magia Moderna,
da autoria do professor Stanley Wiśniewski

Há, evidentemente, quem defenda que a força pouco compreendida a que informalmente nos referimos como «magia» sempre existiu na Terra sob alguma forma. As lendas de incidentes sobrenaturais remontam ao princípio da história da humanidade, desde o *mágoi*, que comandava o vento, ao Djedi do Antigo Egito, que se exibia a decapitar e depois a recuperar aves, como gansos e pelicanos, segundo ficou documentado no Papiro de Westcar. A magia é, possivelmente, parte integrante de quase todas as principais religiões, com exemplos que vão desde Jesus Cristo a converter água em vinho, às práticas vuduístas haitianas, passando pelos relatos de levitação dos budistas Teravada no *Dīrgha-āgama* — embora, curiosamente, esses atos não sejam referidos como «mágicos» pelos praticantes.

Estas histórias, mais ou menos impressionantes, aparecem em todas as culturas, em todas as regiões, em todos os tempos. Antes, os eruditos podiam dizer que era a nossa natureza humana que nos levava a conceber histórias imaginativas para explicar fenómenos que não compreendíamos, ou para engrandecer aqueles que nos transcendem. Mas depois surgiu O Tenebroso e, com ele, os Vórtices — aqueles infames acontecimentos catastróficos que os cientistas, apesar das suas tentativas valorosas, não conseguiram explicar. Talvez não haja, afinal, qualquer verdade nas lendas antigas. Mas talvez sempre tenha havido uma força sobrenatural, uma energia mal compreendida, que se infiltra no nosso mundo.

Independentemente de qualquer teoria que avancemos, uma coisa é certa: nenhuma «magia» foi alguma vez tão completa ou tão poderosa como os Vórtices que O Tenebroso usou contra a humanidade. Este artigo pretende explorar várias hipóteses para explicar este facto. Por outras palavras: porquê agora? Que circunstâncias determinaram a chegada de O Tenebroso? Que procurava ele alcançar quando viu os seus planos frustrados pelos nossos Escolhidos? Que efeito teve no planeta após a sua morte?

SLOANE ANDREWS NÃO QUER SABER (NÃO, A SÉRIO)

Rick Lane

Revista *Trilby*, 24 de janeiro de 2020

Não gosto da Sloane Andrews. Mas talvez gostasse de dormir com ela.

Encontramo-nos no café do seu bairro, um dos lugares que frequenta — é, pelo menos, o que ela diz. O empregado parece não a reconhecer, nem como cliente habitual, nem como um dos cinco adolescentes que venceram *O Tenebroso* há quase uma década. O que, para ser franco, é difícil, porque, rosto mundialmente famoso à parte, Sloane Andrews tem aquela beleza sadia, limpa, que nos dá vontade de a sujar. Se está maquilhada, não dá para perceber; toda ela é pele imaculada e grandes olhos azuis, um anúncio a cosméticos em carne e osso. Traz um boné dos Cubs, com o cabelo castanho comprido puxado para trás, uma *T-shirt* cinzenta que lhe fica justa em todos os pontos certos, calças rasgadas que revelam umas pernas compridas e bem feitas, e um par de ténis. É o tipo de roupa que nos diz que ela se está a lixar para a roupa e até para o corpo esbelto que lhe dá forma.

E há alguma coisa em Sloane que me faz acreditar nisso. Acredito

que ela não quer saber de nada, muito menos deste encontro que temos marcado. Nem sequer me queria dar a entrevista. Só concordou, segundo me disse, porque o seu namorado, Matthew Weekes, outro Escolhido, lhe pediu que apoiasse o lançamento do seu novo livro, *A Escolha Continua* (nas livrarias a 3 de fevereiro).

Nas mensagens que trocámos antes da entrevista, ela não tinha muitas ideias para locais onde pudessemos encontrar-nos. Embora já toda a gente em Chicago saiba onde Sloane vive — no bairro North Side, Uptown, a poucos quarteirões da Lake Shore Drive —, ela recusou-se perentoriamente a deixar-me entrar no seu apartamento. *Não vou a lado nenhum*, escreveu. *Sempre que saio, sou abordada. Portanto, a não ser que queira tentar acompanhar-me numa corrida, é no Java Jam, ou nada feito.*

Não estou certo de que conseguisse tomar notas e correr ao mesmo tempo, portanto encontramo-nos no Java Jam.

Já com o café à frente, Sloane tira o boné de basebol e o cabelo cai-lhe sobre os ombros, como se ela estivesse a rolar num colchão. Mas há algo na sua cara — talvez os olhos ligeiramente próximos demais, ou o modo como inclina a cabeça quando não gosta do que acabei de dizer — que a faz parecer uma ave de rapina. Com um olhar apenas, ela virou o jogo, e agora sou eu que estou na defensiva, não ela. Hesito antes da primeira pergunta, e enquanto as outras pessoas teriam a tendência de sorrir, para me fazerem gostar delas, Sloane limita-se a olhar-me fixamente.

— Aproxima-se o décimo aniversário da vossa vitória contra O Tenebroso — começo. — Como é que isso a faz sentir?

— Faz-me sentir que sobrevivi — responde, a voz dura e cortante. — Sinto um arrepio da cabeça aos pés, e não consigo perceber se isso é bom ou mau.

— Não tem uma sensação de triunfo? — arrisco. Ela revira os olhos.

— Pergunta seguinte. — Bebe o seu primeiro gole de café.

É então que me dou conta: não gosto dela. Esta mulher salvou milhares (não, milhões) de vidas. Caramba!, provavelmente salvou a *minha* vida, de uma forma ou de outra. Aos 13 anos foi apontada numa profecia, juntamente com

quatro outros adolescentes, como alguém que conseguiria derrotar um ser todo-poderoso de pura maldade. Sobreviveu a um punhado de batalhas contra O Tenebroso — incluindo um breve rapto, cujos pormenores nunca revelou —, e saiu dos confrontos incólume e linda, mais famosa do que qualquer pessoa na história dos famosos. E, como se tudo isso não bastasse, tem uma relação duradoura com Matthew Weekes, o rapaz de ouro, o Escolhido de entre os Escolhidos e, muito possivelmente, a pessoa mais bondosa à superfície da Terra. Ainda assim, não gosto dela.

E Sloane não quer saber disso.

O que me faz querer dormir com ela. É como se, tendo-a nua na minha cama, pudesse forçá-la a sentir qualquer espécie de afeto ou emoção. Ela converte-me num macho alfa, num caçador, determinado a alcançar a presa mais esquiva do planeta e a pendurar a sua cabeça na sala, como um troféu. Talvez por isso ela seja abordada aonde quer que vá — talvez as pessoas a persigam não por gostarem dela, mas por *quererem* gostar dela, torná-la um ser digno de amor.

Quando pousa a chávena vejo a cicatriz nas costas da sua mão direita. É grande, estendendo-se de um lado ao outro, denteada e nodosa. Ela nunca disse como ficou com aquela cicatriz, e de certeza

que não me vai contar, mas tenho de perguntar.

— Corte com papel — diz.

Só pode ser uma piada, por isso rio-me. Pergunto-lhe se vai estar presente na inauguração do Monumento dos Dez Anos, uma obra de arte erigida no local onde O Tenebroso foi derrotado, e ela responde-me:

— Faz parte do serviço. — Como se se tratasse de um emprego de secretária a que se tivesse candidatado, e não do seu destino.

— Não parece ter gosto nisso.

— Como foi que percebeu? — replica, com um sorriso presunçoso.

Quando estava a preparar-me para a entrevista, perguntei a alguns amigos o que pensavam dela, para ter uma noção de como as pessoas comuns veem a Sloane Andrews. Um deles comentou que nunca a vira sorrir, e agora, sentado à mesa com ela, pergunto-me se isso alguma vez acontecerá. Acabo por fazer a pergunta em voz alta, quero ver como reage.

Não reage bem, na verdade.

— Se eu fosse um homem, será que me faria essa pergunta?

Mudo de assunto o mais depressa possível. Isto não é tanto uma conversa como um jogo de Minesweeper, em que vou ficando mais tenso a cada pergunta que faço, vendo aumentar a probabilidade de acionar uma daquelas

minas. Clico mais uma vez, perguntando-lhe se esta época do ano lhe traz recordações.

— Tento não pensar nisso — diz-me. — Se pensasse, a minha vida tornava-se um maldito calendário do Advento. Um chocolate Tenebroso para cada dia, cada um de sua forma, e todos com sabor a trampa.

Clico de novo, porque quero saber se há boas recordações.

— Éramos todos amigos, sabe? Seremos sempre amigos. Quando estamos juntos, falamos quase exclusivamente em piadas privadas. — Ufa! Parece que é seguro falar sobre os outros quatro Escolhidos: Esther Park, Albert Summers, Ines Mejia e, claro, Matthew Weekes.

É aí que finalmente começamos a entender-nos. Os ditos Escolhidos criaram rapidamente laços depois de se conhecerem, com Matt como líder natural.

— O Matt é assim — diz ela, quase como se isso a irritasse. — Sempre pronto a liderar, a assumir a responsabilidade. Sempre a lembrar-nos de discutir questões éticas. Esse tipo de coisas. — Curiosamente, não foi com Matt que ela teve uma ligação imediata, mas com Albie. — Ele era calmo — diz, e percebo que é um elogio. — Todos os nossos irmãos e pais tinham morrido (o que fazia parte da profecia), mas o meu irmão morreu pouco tempo antes. Eu precisava

de calma. Além disso, o Midwest e Alberta são lugares semelhantes.

Albert e Ines vivem juntos — platonicamente, visto que Ines se assume como lésbica — em Chicago, e Esther voltou para a sua casa em Glendale, na Califórnia, no ano passado, para cuidar da sua mãe doente. A distância foi difícil para todos, diz Sloane, mas conseguem, felizmente, saber de Esther através da sua ativa (e popular!) página do Insta, onde ela documenta as trivialidades da sua vida.

— O que pensa do movimento Todos Escolhidos, que surgiu nos últimos anos? — pergunto. O movimento Todos Escolhidos é um grupo pequeno, mas bastante interventivo, que defende que se deve dar relevo ao papel dos outros quatro Escolhidos, em vez de se atribuir a vitória essencialmente a Matthew Weekes.

Sloane fala sem rodeios.

— Acho isso racista.

— Há quem diga que pôr o Matt acima dos restantes membros do grupo é sexista — contraponho.

— Sexista é ignorar o que eu digo, como se não soubesse do que falo — replica. — Penso que o Matt é o verdadeiro Escolhido. Já o disse várias vezes. Não finja que me está a fazer um favor ao deitá-lo abaixo.

Ponho de lado o assunto dos Escolhidos e passo ao Tenebroso, e é então que as coisas correm mesmo mal. Pergunto a Sloane por que

teria O Tenebroso um interesse especial nela. Sloane fita-me nos olhos enquanto bebe o resto do seu café, e quando pousa a chávena tem a mão a tremer. Depois põe o boné dos Cubs sobre aquele glorioso cabelo de quem acabou de dar uma queca e diz-me:

— Esta entrevista acabou.

E acho que acabou mesmo, porque ela já saiu do café. Atiro uma nota de dez dólares para a mesa e corro atrás dela, não querendo desistir tão facilmente. Já mencionei que a Sloane Andrews me transforma num caçador?

— Eu tinha um assunto proibido — diz, rispidamente. — Lembra-se de qual era? — Está corada, furiosa e vibrante, um misto de dominatrix e gato vadio manhoso. Porque esperei tanto até a deixar realmente chateada? Podia ter passado o tempo todo a vê-la assim.

O assunto proibido era, claro, qualquer aspeto particular da sua relação com O Tenebroso. Ela certamente não esperava que eu respeitasse isso, tento fazê-la ver. É o que ela tem de mais interessante.

Sloane olha-me como se eu fosse um pedaço de papel ensopado numa poça de um beco, diz-me que me vá lixar, e atravessa a rua pelo meio do trânsito, para se afastar de mim. Desta vez deixo-a ir.

1

OVórtice era sempre igual. As pessoas gritavam e fugiam da nuvem de caos, negra e gigantesca, mas nunca corriam suficientemente depressa. O Vórtice aspirava-as, arrancava-lhes a pele dos ossos quando ainda estavam vivas, esmagando-as e deixando-as como mosquitos ensanguentados, *Deus meu...*

Sloane arquejava. *Calma*, disse para consigo. Os seus dedos dos pés enrolaram-se; estava frio ali, na casa d'O Tenebroso, e ele tirara-lhe as botas. Sloane precisava de encontrar algo pesado ou cortante — seria pedir demasiado, claro; nunca tivera tanta sorte.

Abriu gavetas, e encontrou colheres, garfos, espátulas. Um punhado de elásticos. Molas de cozinha. Porque lhe levava ele as botas? O que tinha um terrorista assassino a rezear de umas *Doc Martens* de rapariga?

Olá, Sloane, sussurrou-lhe ele ao ouvido, fazendo-a engasgar-se com um soluço. Abriu outra gaveta e encontrou uma linha de cabos, estando as lâminas das facas protegidas por uma capa de plástico. Sloane acabara de agarrar a faca de açougueiro, quando ouviu um rangido atrás de si, a pressão de um passo.

Girou, os pés húmidos sobre o linóleo, a faca rasgando o ar.

— Raios! — Matt segurou-a pelo pulso e olharam-se em silêncio durante alguns segundos, por cima dos seus braços e da faca.

Sloane arquejava, voltando à realidade. Não estava na casa d'O Tenebroso, nem no passado, mas no apartamento que partilhava com Matthew Weekes.

— Oh, céus. — Os seus dedos relaxaram e a faca caiu ao chão, ficando a balouçar entre os seus pés. Matt pousou-lhe as mãos nos ombros, num gesto afetuoso.

— Estás aí? — perguntou-lhe.

Já lhe fizera aquela pergunta dezenas de vezes. Bert, que os treinara a todos, dizia que Sloane era um lobo solitário e raramente a obrigava a

juntar-se aos outros, em exercícios ou em missões. *Deixa-a fazer as coisas à sua maneira*, dissera Bert a Matt, quando se tornara claro que era ele o líder. *Terás melhores resultados dessa forma*. E Matt assim fizera, interferindo nas ações dela só quando era necessário.

Estás aí? Ao telefone, num sussurro, nas horas mortas da noite, ou cara a cara, quando ela se alheava. A princípio, aquilo irritava Sloane. *Claro que estou aqui, onde havia de estar?* Mas agora aquela pergunta significava que Matt compreendia algo que nunca tinham admitido um ao outro: ela nem sempre podia responder «sim».

— Sim — disse.

— OK. Fica aqui, está bem? Vou buscar o medicamento.

Sloane apoiou-se no balcão de mármore. A faca estava caída aos seus pés, mas ela não se atrevia a tocar-lhe de novo. Limitou-se a esperar, e a respirar, olhando o remoinho cinzento que lhe lembrava um velho de perfil.

Matt voltou com um pequeno comprimido amarelo numa mão e na outra o copo de água que ela tinha na mesa de cabeceira. Sloane segurou-os com as mãos trémulas e engoliu o comprimido avidamente, ansiando pela calma da benzodiazepina. Numa noite de copos, ela e Ines tinham composto uma ode aos comprimidos, exaltando-os pelas suas cores bonitas, pelo seu efeito rápido e por fazerem aquilo que mais nada conseguia fazer.

Pousou o copo e deixou-se cair sentada. Sentia o chão frio através das calças do pijama — estampadas com gatos que tinham olhos de *laser* —, mas a sensação ajudava-a a ancorar-se na realidade. Matt, de *boxers*, sentou-se junto ao frigorífico.

— Escuta — começou ela.

— Não é preciso dizeres nada.

— Claro, quase te esfaqueei, mas desculpas para quê?

O olhar dele era terno. Preocupado.

— Só quero que estejas bem.

Como era que o definiam naquele artigo horrível? «Muito possivelmente, a pessoa mais bondosa à superfície da Terra.» Sloane não discordava de Rick Lane, *Creepmaster 2000*, pelo menos nesse ponto. As sobrancelhas de Matt uniam-se constantemente numa expressão de perpétua solidariedade, e tinha um coração a combinar.

Pegou na faca de açougueiro que estava no chão, perto do tornozelo de Sloane. Era grande, quase tão comprida como o antebraço dele.

Sloane sentiu os olhos a arder. Fechou-os.

— Desculpa.

— Sei que não queres falar sobre isso comigo — disse ele. — Mas que tal falares com outra pessoa?

— Por exemplo?

— A doutora Novak, talvez? Ela trabalha com vítimas de traumas, lembras-te? Demos juntos aquela palestra no centro de detenção juvenil.

— Não sou um soldado — disse Sloane.

— Sim, mas ela percebe de PSPT¹.

Sloane nunca precisara de um diagnóstico formal: sofria, sem dúvida, de uma perturbação de stress pós-traumático. Era estranho, no entanto, ouvir Matt dizê-lo tão confortavelmente, como se se tratasse de uma gripe.

— Está bem. — Encolheu os ombros. — Telefono-lhe amanhã de manhã.

— Qualquer um precisaria de terapia, sabes? — disse ele. — Depois daquilo por que passámos. A Ines fez terapia.

— Sim, e continua a armadilhar o apartamento como se vivesse numa fantasia do tipo *Sozinho em Casa*.

— Bem, não foi um bom exemplo. — A luz dos projetores da escada das traseiras incidia nas janelas, dando uma tonalidade amarela-alaranjada à pele escura de Matt.

— Tu nunca precisaste — disse Sloane.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Naquele ano depois da morte d'O Tenebroso, quando eu estava sempre a desaparecer, aonde achas que ia?

— Disseste-nos que tinhas consultas médicas.

— Que tipo de médico dá consultas semanais durante *meses*?

— Sei lá! Achei que tinhas algum problema com... — Sloane apontou-lhe vagamente para o meio das pernas. — Tu sabes. Coisas de rapazes.

— Deixa-me ver se percebi. — Matt sorria de orelha a orelha. — Achaste que eu tinha algum problema de saúde embaraçoso, que requeria pelo menos seis meses de consultas médicas regulares... e *nunca* me perguntaste nada?

Ela reprimiu um sorriso.

— Pareces quase dececionado comigo.

— Não, não. Estou só impressionado.

Quando Sloane o conhecera, Matt era um rapaz alto e magricela de 13 anos, com um corpo anguloso e sem noção do espaço que este ocupava, mas já tinha aquele sorriso.

¹ Perturbação de Stress Pós-Traumático. (N. da T.)

Sloane apaixonara-se por ele meia dúzia de vezes antes de se dar conta disso — quando ele gritava ordens sob o vento ensurdecedor de um Vórtice, para os manter vivos; quando ficava acordado com ela nas longas viagens noturnas através do campo, depois de todos os outros adormecerem; quando telefonava à avó e a sua voz se enternecia. Matt nunca deixava ninguém para trás.

Sloane enroscou os dedos contra o mosaico.

— Já fiz terapia, sabes — admitiu. — Durante alguns meses, quando tínhamos 16 anos.

— Fizeste? — Ele franziu um pouco o sobrolho. — Não me tinhas dito.

Havia muitas coisas que não lhe dissera, que não contara a ninguém.

— Não queria preocupar-vos. E continuo a não querer, por isso... não contes aos outros, está bem? Não quero ler isto no maldito *Esquire*, com o título «O Rick Lane Bem Te Disse».

— Claro que não. — Matt segurou-lhe na mão, entrelaçando os dedos nos dela. — É melhor irmo-nos deitar. Temos de nos levantar daqui a quatro horas, para a inauguração do monumento.

Sloane anuiu, mas ficaram sentados no chão da cozinha ainda mais algum tempo, até o comprimido fazer efeito e ela parar de tremer. Depois, Matt guardou a faca, ajudou-a a levantar-se, e voltaram para a cama.

CONFIDENCIAL



**AGÊNCIA PARA A PESQUISA
E INVESTIGAÇÃO DO SUPRANORMAL**

4 de outubro de 2019

Sloane Andrews



Referência: H-20XX-74545

Exma. Sr.^a Andrews,

A 13 de setembro de 2019, a coordenadora do Gabinete para a Informação e Privacidade recebeu o seu pedido, efetuado a 12 de setembro de 2019, de informação ou consulta de documentos sobre o Projeto Ringer, ao abrigo da Lei da Liberdade de Informação (LLI).

Muitos dos documentos solicitados continuam a ser confidenciais. Porém, atendendo aos serviços que durante vários anos prestou ao governo dos Estados Unidos, concedemos-lhe acesso aos referidos documentos, à exceção dos mais sigilosos. Pesquisámos na nossa base de dados registos previamente disponibilizados para consulta e localizámos os documentos que agora lhe enviamos, num total de 120 páginas. Julgamos estar desta forma a corresponder ao seu pedido. Não nos é devido qualquer pagamento pelos documentos em causa.

Com os melhores cumprimentos,

Mara Sanchez

Coordenadora do Gabinete para a Informação e Privacidade

CONFIDENCIAL

Quando o despertador tocou na manhã seguinte, Sloane tomou imediatamente outro comprimido. Precisaria da benzodiazepina para o dia que a esperava; nessa manhã assistiria à inauguração do Monumento dos Dez Anos, em memória das vidas perdidas nos ataques d'O Tenebroso, e à noite estaria presente na gala dos Dez Anos de Paz, para celebrar o aniversário da derrota do inimigo.

A cidade de Chicago encomendara o monumento a um artista chamado Gerald Frye. A avaliar pelo seu portefólio, Frye inspirara-se no trabalho do minimalista Donald Judd, visto que o monumento era, afinal, apenas uma caixa metálica numa extensão de terra vazia, onde antes se erguera a feia torre, no meio do Loop, junto ao rio. Quando o carro de Sloane chegou ao local, no dia da inauguração, o monumento brilhava ao sol e parecia pequeno, em comparação com os arranha-céus em redor.

Matt contratara um condutor, para não terem de se preocupar com o estacionamento, e não tardaram a perceber que fora uma boa ideia, porque a cidade estava enxameada de pessoas. A multidão era tão densa que o condutor teve de tocar a buzina do *Lincoln* preto para conseguirem passar, e ainda assim as pessoas ignoraram o som até sentirem o calor do motor na parte de trás das pernas.

Quando se aproximaram de uma cancela, um agente da Polícia deixou-os passar, e percorreram um segmento de estrada livre para chegarem ao monumento. Sloane sentia os olhos a latejar como se lhe doesse a cabeça. No instante em que Matt abrisse a porta do carro e saísse para a luz do dia, toda a gente veria quem eles eram. As pessoas ergueriam os telemóveis para os filmar. Estenderiam fotografias, blocos e braços por cima das barreiras, para lhes pedirem autógrafos. Gritariam os nomes de Matt e Sloane, chorando e tentando avançar, falando-lhes de tudo o que tinham perdido.

Sloane só queria regressar a casa. Mas, em vez disso, enxugou as palmas

das mãos no vestido, respirou fundo, devagar, e pousou a mão no ombro de Matt. O carro parou. Matt abriu a porta.

Sloane saiu atrás dele e embateu numa parede de som. Matt voltou-se para ela, com um sorriso rasgado na cara, e disse-lhe ao ouvido:

— Não te esqueças de sorrir.

Muitos homens tinham dito a Sloane para sorrir, mas tudo o que queriam era exercer algum tipo de poder sobre ela. Matt, no entanto, estava apenas a tentar protegê-la. Ele próprio usava o sorriso como uma arma contra uma forma mais branda e insidiosa de racismo, daquele tipo que levava as pessoas a seguirem-no no interior de uma loja antes de o reconhecerem, ou a assumirem que ele crescera num bairro problemático, e não em Upper East Side, ou a acreditarem que Sloane e Albie tinham salvado o mundo, como se Matt, Esther e Ines não tivessem tido nada que ver com isso. O tipo de racismo que surgia em silêncios e hesitações, em piadas irrefletidas e em palavras desajeitadas.

Aquele sentimento também assumia formas mais violentas, mas essas não podiam ser combatidas com sorrisos.

Matt caminhou ao encontro da multidão que se acotovelava atrás da barreira. Muitas pessoas seguravam fotografias suas, artigos de revista, livros. Matt tirou uma caneta preta do bolso e assinou cada um deles com a sua rubrica, *MW*, em que uma letra era a inversão da outra. Sloane observava-o à distância, alheando-se momentaneamente do caos. Viu-o posar para uma fotografia com uma mulher ruiva de meia-idade, que não se entendia com o telemóvel; Matt pegou no dispositivo e mostrou-lhe como usar a câmara da frente. Aonde quer que ele fosse, as pessoas davam-lhe pedaços de si, às vezes na forma de gratidão, outras em histórias de entes queridos que O Tenebroso lhes roubara. Matt aceitava tudo, escutava tudo.

Passados minutos, Sloane foi ter com ele e pousou-lhe uma mão no ombro.

— Desculpa, Matt, mas temos de ir.

Também chamavam por ela, claro, acenando-lhe com exemplares do artigo da *Trilby*, com a sua cara numa página da revista e a imbecilidade sexista de Rick Lane na página ao lado. Algumas pessoas gritaram o seu nome, e ela ignorou-as, como sempre. As armas de Matt eram a generosidade, a bondade, a desenvoltura social. As de Sloane eram o distanciamento, a sua alta estatura e uma inexpressividade incansável.

Matt reparou num grupo de adolescentes negros com uniformes de

escola. Uma das raparigas tinha o cabelo penteado em pequenas tranças, com contas nas extremidades. As contas tiniam, batendo umas nas outras, enquanto a rapariga se balouçava em bicos de pés, excitada. Segurava na mão uma pasta rígida; mais uma petição, certamente.

— Dá-me um segundo — disse Matt a Sloane, e dirigiu-se ao grupo de adolescentes em uniforme. Sloane ficou um pouco irritada por ele a ignorar, mas o sentimento dissipou-se quando viu a mudança subtil na postura de Matt, o modo como os ombros dele relaxaram.

— Olá — ouviu-o dizer à rapariga das tranças, sorrindo.

Sloane sentiu um ligeiro aperto no peito. Havia partes de Matt a que ela nunca teria acesso, e aquela era uma língua que nunca o ouviria falar, porque quando ela estava presente as palavras desapareciam.

Decidiu ir andando sem ele. Pouco importava se Matt chegava a horas à cerimónia ou não. Todos esperariam por ele.

Percorreu a passagem estreita que os polícias abriram entre a multidão e que levava ao palco, voltado para a caixa metálica do monumento — um bloco com a dimensão de um quarto comum, no meio de nada.

— Slo! — Esther estava no palco, com uns saltos de doze centímetros e calças de pele preta, e acenava-lhe. Tinha vestida uma camisa branca larga o suficiente para ser elegante e, ao longe, a sua cara parecia quase não ter mudado desde a vitória sobre O Tenebroso; no entanto, ao aproximar-se, Sloane pôde ver que aquele brilho sem poros era conseguido à custa de base, iluminador, bronzeador e só Deus saberia o que mais.

Foi um alívio ver Esther. Desde que ela voltara para casa para cuidar da mãe, nada voltara a ser como antes para eles os cinco. Sloane subiu os degraus até ao palco, abanando a cabeça quando o segurança lhe ofereceu um braço para a ajudar a subir, e abraçou a sua amiga.

— Bonito vestido! — disse-lhe Esther, quando se afastaram. — Foi o Matt que o escolheu?

— Sou capaz de escolher a minha roupa — respondeu Sloane. — Como...

Ia perguntar-lhe como estava a sua mãe, mas Esther já pegara no telemóvel e preparava-se para uma *selfie*.

— Não — disse Sloane.

— Slo... vá lá, quero uma fotografia nossa!

— Não, queres mostrar uma fotografia nossa a um milhão de outras pessoas no Insta, o que é muito diferente.

— Vou tirar uma, quer te dêes ao trabalho de sorrir, quer não, por isso

mais vale sorrisos, em vez de alimentares o rumor de que és uma cabra insensível — disse Esther.

Sloane revirou os olhos, fletiu um pouco os joelhos e encostou-se a Esther para a fotografia. Até conseguiu esboçar uma espécie de sorriso.

— É a única, está bem? Por alguma razão não estou nas redes sociais.

— Pois, és muito *alternativa* e *autêntica* e tudo isso. — Esther sacudiu uma mão, de olhos no telemóvel. — Vou desenhar-te um bigode.

— Muito adequado para o décimo aniversário de uma batalha horrível.

— Bem, então publico-a tal como está. És tão chata.

Aquela era uma discussão familiar. Sloane e Esther voltaram-se para Ines e Albie, que estavam sentados junto ao pódio, com fatos pretos quase idênticos. As lapelas de Ines eram um pouco mais largas e a gravata de Albie mais azul, mas Sloane não via outras diferenças.

— Onde está o Matt? — perguntou Ines.

— Com os seus súbditos reais — respondeu Esther.

Sloane olhou para trás. Matt continuava a falar com a rapariga das tranças, de sobrolho franzido, anuindo ao escutá-la.

— Já não demora — disse, voltando-se para os outros.

Albie tinha os olhos lacrimejantes, o que talvez se devesse à hora; eram oito da manhã e Albie não costumava levantar-se antes das dez. Quando se voltou para Sloane parecia bem desperto, apenas cansado. Acenou-lhe com a mão.

— Guardei-te um lugar, Slo. — Deu uma palmadinha na cadeira ao seu lado. Sloane sentou-se junto dele, as pernas cruzadas nos tornozelos e recolhidas, como a sua avó lhe ensinara. *Queres mostrar as cuecas a estranhos? Então cruza essas pernas, rapariga.*

— Tudo bem? — perguntou-lhe.

— Não — disse Albie com um meio sorriso. — Nada de novo, portanto. Ela também esboçou um sorriso.

— Olá, miúdos. — Um homem atravessava o palco. Usava umas calças cinzento-escuras informais e um blazer, que combinara com uma camisa azul-clara, e tinha o cabelo grisalho penteado para trás. Não era um homem qualquer, mas John Clayton, presidente da Câmara de Chicago, eleito graças a uma campanha de «Menos corrupto do que o outro tipo, provavelmente», que era o lema da política de Chicago havia alguns anos. Também era, possivelmente, o homem mais desinteressante à superfície da Terra.

— Obrigado por terem vindo — disse o presidente Clayton, apertando primeiro a mão de Sloane, depois as de Albie, Ines e Esther. Matt subiu os

degraus para o palco mesmo a tempo de também cumprimentar o presidente. — Vou dizer algumas palavras, depois todos podem atravessar o monumento. Como se estivessem a dar-lhe a vossa bênção, estão a ver? Logo a seguir tiramos-vos daqui. Vão querer fotografar-nos juntos. Agora? Sim, agora.

Clayton fez sinal ao fotógrafo, que os posicionou de modo a que o monumento ficasse visível atrás deles. Matt estava no meio, a mão firme ao fundo das costas de Sloane. Ela não sabia se havia de sorrir naquele décimo aniversário da derrota d'O Tenebroso. Nesse dia, o mundo inteiro estaria a celebrar. Até a cidade de Chicago, que perdera tanto — a água do rio seria tingida de azul, a cerveja abundaria em Wrigleyville e o metro de Chicago circularia apinhado. Aquela alegria era boa, Sloane sabia-o, e até participara nos festejos nos primeiros anos após o acontecimento, mas agora custava-lhe fazê-lo. Tinham-lhe dito que tudo se tornaria mais fácil com o passar de tempo; no entanto, não fora assim para ela. A onda de alegria e triunfo que se fizera sentir após a queda d'O Tenebroso esmorecera, e o que restava era aquele incómodo sentimento de insatisfação, e a consciência de tudo o que se perdera no caminho para a vitória.

Sloane não sorriu para a fotografia. Enquanto Esther explicava ao presidente como se fazia um vídeo bumerangue, Sloane tornou a sentar-se junto de Albie. Entretanto, Matt conversava com a mulher do presidente, que queria saber se ele iria à inauguração de uma nova livraria na Uptown, e Ines balouçava a perna, inquieta como sempre. Albie pousou a mão na de Sloane e apertou-a.

— Bem, feliz aniversário — disse ela.

— Feliz aniversário — repetiu ele.

CONFIDENCIAL

**AÇÃO DOS SERVIÇOS DE SEGURANÇA,
MEMORANDO N.º 70**

PARA: AGÊNCIA PARA A PESQUISA E INVESTIGAÇÃO
DO SUPRANORMAL (APIS)

ASSUNTO: ACONTECIMENTOS DESASTROSOS INEXPLICADOS
DO ANO DE 2004

Ao aprovar o registo dos acontecimentos na reunião do Conselho de Segurança Nacional realizada a 2 de fevereiro de 2005, o presidente ordenou que os incidentes desastrosos de 2004 fossem estudados, para o caso de apresentarem um padrão. Uma vez que estes incidentes não puderam, até à data, ser explicados por meios convencionais, esta tarefa ficará a cargo da Agência para a Pesquisa e Investigação do Supranormal (APIS).

Assim, espera-se que a APIS leve a cabo este estudo logo que possível, de modo a apresentar os primeiros dados sobre os referidos acontecimentos na próxima reunião do Conselho de Segurança Nacional. Seguem em anexo os artigos sobre o assunto até agora reunidos pelo Conselho.

Shonda Jordan

CONFIDENCIAL

Chillicothe Gazette

OS RELATÓRIOS OFICIAIS DO DESASTRE DE TOPEKA CONTINUAM VAGOS

Jay Kaufman

TOPEKA, 6 DE MARÇO. Segundo a última contagem, o número de vítimas mortais do desastre de 5 de março ocorrido em Topeka, Kansas, é de 19 327 — mas as autoridades parecem não saber qual foi a causa desta terrível perda de vidas. Ou, se sabem, até agora não a revelaram.

As previsões meteorológicas para a manhã do dia 5 de março eram de céu nublado com uma temperatura máxima de cinco graus, e apenas dez por cento de probabilidade de chuva. Testemunhas de cidades próximas descrevem boas aberturas e vento fraco. Exatamente às 13h04, tudo se descontrolou. Um funcionário do Serviço de Meteorologia Nacional descreveu a situação nos escritórios como de «completo caos», citando «gritos e sinais de alarme nos monitores».

«Durante alguns minutos foi como se tivessem ocorrido, em simultâneo, um tornado, um sismo e um furacão. Registaram-se mudanças de pressão atmosférica absurdas, e os tremores de terra

fizeram-se sentir até ao Kentucky. Nunca tinha testemunhado nada assim», relatou a mesma fonte. O funcionário solicitou anonimato, com receio de perder o emprego. O Serviço de Meteorologia Nacional emitiu depois um comunicado a explicar que não podia divulgar pormenores, uma vez que a investigação estava em curso.

O governo federal adotou uma posição semelhante. O Departamento de Segurança Interna, incluindo a Agência Federal de Gestão de Emergências, tem-se mantido em silêncio. O FBI declarou que a sua investigação não sugere, para já, que o incidente esteja relacionado com terrorismo externo ou interno, embora essa hipótese não possa ainda ser excluída. Mesmo a um nível local, o presidente da Câmara de Topeka, Hal Foster — que na altura se encontrava de férias em Orlando, Florida —, expressou as suas condolências mas não deu voz a qualquer teoria sobre o sucedido.

Quase toda a informação que

conseguimos reunir sobre o acontecimento veio, até ao momento, de cidadãos que falam apenas em seu nome. Andy Ellis, de Lawrence, Kansas, deslocou-se à área circundante de Topeka com um drone que costumava usar para monitorizar a construção da sua nova casa. As imagens que Ellis captou de Topeka, e que forneceu a todas as redes noticiosas em simultâneo, são terrivelmente perturbadoras. Mostram esqueletos nos edifícios, cadáveres nas ruas e, mais peculiar ainda, nem um vestígio de matéria vegetal viva. De acordo com estas imagens, todas as árvores de Topeka ficaram reduzidas a ramos secos e folhas mortas.

Não dispondo de qualquer explicação credível, o público voltou-se para teorias de conspiração, como invasão extraterrestre, uma

experiência do governo que correu mal, uma nova arma de destruição maciça, ou um novo tipo de fenómeno meteorológico resultante das alterações climáticas. A histeria também alastrou, levando algumas pessoas a começar a construir nas suas casas abrigos contra bombas, ou a desenvolver novos planos de evacuação, segundo os quais se deverá fugir das zonas urbanas, em vez de procurar refúgio nas cidades.

«Precisamos de respostas», disse Fran Halloway, residente em Willard, uma das cidades sobreviventes na periferia de Topeka. «Merecemos saber por que perdemos os nossos entes queridos. E não vamos descansar enquanto não conseguirmos essas respostas.»

Portland Bugle

O DESASTRE ABATE-SE SOBRE PORTLAND; DEZENAS DE MILHARES DE VÍTIMAS MORTAIS

Arjun Patel

PORTLAND, 20 DE AGOSTO. Um fenómeno meteorológico hesitantemente classificado como furacão atingiu Portland, Oregon, a 19 de agosto, causando inundações em vastas áreas e a destruição de lares e edifícios. A manter-se a referida classificação, este terá sido

o primeiro ciclone tropical de que há registo a atingir a Costa Oeste.

Com um número de vítimas mortais estimado em 50 000, este terá sido o mais mortífero desastre natural na história dos EUA, precedido apenas da Calamidade de Topeka, que ocorreu há meses

e que, de acordo com a contagem final, ceifou quase 20 000 vidas. Não foram até ao momento dadas explicações definitivas para a Calamidade de Topeka.

O fenómeno meteorológico confundiu os cientistas, que apontam as baixas temperaturas do oceano Pacífico como a razão para não se verificar atividade ciclónica na Costa Oeste. «Os furacões alimentam-se de temperaturas elevadas nas águas», diz o Dr. Joan Gregory, professor de Física Atmosférica na Universidade de Wisconsin-Madison. «Uma

realidade que *poderia* explicar este fenómeno são as mudanças climáticas, mas não temos conhecimento de que se tenha registado recentemente uma subida significativa da temperatura nas águas do oceano Pacífico. Este parece ter sido um fenómeno aberrante.»

Mais informação será certamente apurada com o decorrer do esforço de reconstrução. Uma vigília com velas em memória das vítimas terá lugar em Pioneer Courthouse Square na próxima quinta-feira, pelas 20h00.

Rochester Observer

FIGURA AVISTADA NO MEIO DO DESASTRE; TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO GANHAM FORÇA À MEDIDA QUE SURGEM RELATOS SOBRE FIGURA NEGRA

Carl Adams

ROCHESTER, 7 DE DEZEMBRO. «Foi a confusão total», diz Brendan Peterson, residente em Sutton, Minnesota, um dos sobreviventes do ataque a Minneapolis que matou quase 85 000 pessoas no início deste ano. Peterson esteve mesmo no centro da destruição e descreve um cenário infernal de vento e destroços projetados pelo ar. «Vi uma mulher

ser desmembrada à minha frente», relata, de mãos a tremer. «Nunca tinha visto nada assim, nunca, nem sequer em filmes.»

Brendan atribui a sua sobrevivência a «pura sorte», e não é o único. Vários dos sobreviventes que falaram com maior franqueza sobre o ataque partilharam relatos semelhantes de mortes horrendas, cada uma mais sangrenta

do que a anterior. Mas todos os relatos têm um ponto em comum: cada um desses sobreviventes viu a figura de um homem que se movia de modo confiante através da destruição.

«Também podia ser uma mulher», diz George Williams, outro habitante de Sutton e vizinho de Brendan Peterson. «Tinha um aspecto humano, em todo o caso. Foi a coisa mais estranha que alguma vez vi.»

Os desastres estão a ser classificados como «ataques» pelo

governo dos Estados Unidos, mas os perpetradores ainda não foram identificados. Surgiram várias teorias na internet, que vão desde o plausível (terroristas, agentes de governos estrangeiros hostis) ao completo absurdo (extraterrestres, um ser divino irado).

«Ainda assim, era difícil de ver», clarifica Brendan, mais tarde, referindo-se à figura que viu durante o ataque a Minneapolis. «Negro da cabeça aos pés. Não estou louco. Sei o que presenciei.»

3

O discurso do presidente foi uma coleção de frases banais sobre ultrapassar a dor e seguir em frente e o triunfo do bem sobre o mal e honrar os mortos. A meio do discurso, Ines voltou-se para os outros e segredou-lhes uma citação de *Friday Night Lights* — «Olhos límpidos, corações cheios, não podemos perder» — e Sloane teve de cobrir a boca para que ninguém na multidão a visse rir. Albie fingiu um ataque de tosse e Esther deu uma cotovelada nas costelas de Ines. Matt forçou uma expressão séria. Por um breve instante, Sloane teve a sensação de reaver algo.

O discurso chegou ao fim, os *flashes* das máquinas fotográficas surgiram de todos os lados, a multidão aplaudiu. Sloane acompanhou os outros, batendo palmas até sentir um formigueiro nas mãos. Seguiram-se os apertos de mão e chegou finalmente o momento de os Escolhidos darem a sua bênção ao Monumento dos Dez Anos, com os seus passos sagrados, ou lá que raio dissera o presidente Clayton. Ocorreu a Sloane usar aquilo como desculpa para se descalçar, já que os sapatos estavam a magoar-lhe os pés. Afinal, uma pessoa não podia abençoar nada com uns saltos a causar-lhe desconforto.

A terra em volta da caixa de metal fora pavimentada com betão. Sloane desceu os degraus do palco e sentiu o calor do chão através das solas dos sapatos. Era como se caminhasse sobre um mar cor de cinza, erguendo-se o monumento cem metros à sua frente, como uma ilha de bronze. Era o único ponto de luz quente naquele lugar desolado — etéreo, como uma miragem. Ao olhá-lo, Sloane descobriu com surpresa que tinha lágrimas nos olhos. Com o tempo o bronze iria envelhecer, perdendo o brilho e cobrindo-se de um verde baço. Também a recordação do que acontecera havia de esmorecer e de se turvar, e o monumento seria esquecido, tornando-se um lugar de visitas de estudo e excursões de autocarro para os interessados em história.

E ela também não escaparia aos efeitos do tempo. Sempre famosa, mas

sempre a murchar, como acontecia às antigas estrelas de cinema, que carregavam no rosto o fantasma da sua versão juvenil.

Era uma coisa estranha saber com toda a certeza que já passara o auge da sua vida.

Seguiu Albie até à caixa, com os outros atrás. Não pôde deixar de olhar para a outra margem do rio, onde Matt se posicionara no último confronto, o Ramo Dourado erguido na mão, iluminando-lhe a cara com um brilho sobrenatural. Um dos vários momentos em que Sloane se apaixonara por ele.

A entrada era uma abertura estreita na parede, e Albie avançou de imediato. Ines preparava-se para o seguir, mas Sloane deteve-a erguendo uma mão.

— Vamos dar-lhe um minuto — disse.

Eram todos compatíveis de formas diferentes, conheciam melhor certas facetas uns dos outros. Esther sabia fazer Albie rir, Ines quase lhe lia o pensamento, e Matt conseguia fazê-lo falar. Mas Sloane era a especialista em Albie nos seus dias maus, e aquele era de certeza um desses dias.

— As pessoas vão fazer xixi dentro desta coisa — comentou Ines.

— Não precisas de preencher *todos* os silêncios — disse-lhe Matt.

— Vou entrar e ver se ele está bem — decidiu Sloane. — Deem-me um minuto ou dois.

— Combinado — disse Matt.

— Boa ideia, assim a Esther vai ter tempo de calcular o melhor ângulo para a câmara — disse Ines.

Esther deu-lhe uma palmada no braço e pegou no telemóvel. Antes que Esther tentasse convencê-la a tirar mais uma *selfie*, Sloane esgueirou-se pela abertura na parede e desapareceu no interior do monumento.

Gravadas nas paredes de metal estavam letras minúsculas, os nomes de todas as pessoas mortas pelo Tenebroso. Tinham sido precisos anos para os descobrir e gravar a todos, segundo dissera o autor da obra, e os nomes eram tão pequenos que mal se conseguiam ler. O artista colocara painéis de luz por trás das folhas de metal para que todos os nomes cintilassem. Era como contemplar um céu noturno num lugar remoto, onde a poluição não encobria a luz das estrelas.

Albie encontrava-se no meio do cubo, a olhar para uma das paredes.

— Aqui estás tu — disse-lhe Sloane.

— É bonito, não achas?

— O bronze foi uma boa escolha. Fica quase acolhedor — observou ela. — Encontraste o nome do teu pai?

— Não — disse Albie. — Agulha. Palheiro.

— Podíamos perguntar ao artista.

Albie encolheu os ombros.

— Acho que não é suposto conseguirmos ver um nome em particular, mas ficarmos com uma ideia de quantos foram.

E tinham sido tantos que deixara de fazer diferença, pensou Sloane. Ela já sabia o número de vítimas d'O Tenebroso. Qualquer coisa entre cem e um milhão era apenas um número, sendo a sua mente demasiado limitada para o assimilar verdadeiramente.

— Gosto que seja assim — continuou Albie. — Lembra-me que fomos apenas umas quantas pessoas que perderam alguém, entre milhares de outras pessoas que também perderam alguém. Não sofremos nem mais nem menos do que as famílias destas pessoas.

Indicou o painel à sua frente. Albie tinha apenas 30 anos, mas o seu cabelo tornara-se ralo e começava a recuar nas têmporas. Também tinha rugas na testa, suficientemente profundas para Sloane ter reparado. Estava a envelhecer.

— Estou cansado de ser especial — disse Albie, com um riso trémulo. — Estou farto de ser celebrado pela pior coisa que me aconteceu.

Sloane pôs-se ao lado dele, perto o bastante para os seus braços se tocarem. Pensou na pilha de documentos oficiais na gaveta de baixo da sua secretária, pensou em Rick Lane, que falara dela como se fosse um pedaço de carne num talho, e nos pesadelos que a acordavam de noite.

— Sim — murmurou, com um suspiro. — Sei o que queres dizer.

Ou, pelo menos, julgava saber. Mas quando viu a mão de Albie tremer, quando ele esfregou a cara, perguntou-se se o compreenderia realmente.

— Truz, truz! — Esther segurava o telemóvel (num ângulo favorável, claro) enquanto entrava no monumento, o cabelo caído sobre os ombros e acabado de ajeitar. Voltou-se, de modo a apanhar Albie e Sloane na fotografia. — Cumprimentem os meus seguidores no Insta!

— Isto é em direto? — perguntou-lhe Sloane.

— Não — disse Esther.

Sloane lançou um olhar a Albie e depois ergueu os dedos do meio, enquanto Albie levava as mãos às bochechas para fazer uma ruidosa imitação de gases. Ines entrou a seguir a Esther, parecendo nervosa, e encontrou

Sloane a acenar com os dedos do meio junto à cara de Albie. Esther baixou o telemóvel, furiosa.

— Estava a tentar captar a minha primeira entrada no Monumento dos Dez Anos! — protestou. — Agora vou ter de repetir e *fazer de conta* que é a primeira vez.

Saiu a passos largos, cruzando-se com Matt.

— Perdi alguma coisa?

— Espera — disse Albie, levando um dedo aos lábios.

Esther entrou de novo e observou os nomes iluminados, telemóvel voltado para a cara, os olhos esbugalhados numa imitação de fascínio. Albie aproximou-se e espreitou para o ecrã do telemóvel, aparecendo ao lado de Esther.

— É a segunda vez que ela faz isto! Não se deixem enganar...

Esther empurrou-o e baixou o telemóvel.

— Qual é o vosso *problema*?

— O *nosso* problema? Tu é que tens um telemóvel enxertado na mão!
— replicou Sloane. — És pior do que o Matt.

Matt levantou as mãos.

— Não me metam nisto.

— Não sou a primeira pessoa a usar redes sociais! — exclamou Esther.
— É o meu *trabalho*, não têm de ser tão críticos.

— Este momento devia ser solene e de pesar — fez-lhe ver Matt. — E *podia* ter sido uma boa experiência de união...

— Filmá-lo não lhe retira a solenidade — retorquiu Esther.

— Retira, sim, quando estás à procura do melhor ângulo para uma *selfie* — disse Ines, imitando Esther a segurar no telemóvel, com uma anca de lado. — Aqui estão os nomes dos mortos, junto ao meu traseiro bonzão.

Sloane não conseguiu reprimir uma risadinha, tão estridente que se apressou a tapar a boca, envergonhada.

— Ora, a Sloanie Sloanie Macaroni fez um som de miúda — troçou Albie, erguendo as sobrancelhas.

— Não te atrevas a chamar-me isso.

— Não te esqueças de que já todos te vimos naqueles vídeos caseiros do Cameron — disse-lhe Esther. — Agora tens essa pose da rapariga-valente-que-se-está-a-lixar-para-tudo, mas no fundo hás de ser sempre a miúda que dançou ao som de «Diamonds Are a Girl's Best Friend» com um tutu de papel de alumínio.

Sloane amaldiçoou a câmara do seu falecido irmão, e preparava-se para responder a Esther quando Matt as interrompeu.

— Encontrei o Bert.

Bert não se chamava Robert Robertson, claro. Ele revelara-lhes o seu nome verdadeiro em confiança alguns meses antes de morrer, para que pudessem procurá-lo se perdessem o contacto. Mas nenhum deles o recordava como Evan Kowalczyk; para os cinco Escolhidos, ele seria sempre Bert.

Foram para trás de Matt e seguiram a linha do seu dedo até um pequeno nome: EVAN KOWALCZYK, em maiúsculas. Sloane não fazia ideia de como conseguira Matt encontrá-lo entre todos aqueles nomes, em todos aqueles painéis. Era como descobrir uma certa árvore numa floresta de árvores idênticas. Matt deixou cair a mão, e o nome de Robert desapareceu novamente na parede, confundindo-se com os outros.

Tantas perdas, por nada. Um senhor Tenebroso e a sua fome insaciável.

— Pergunto-me o que estaria ele a fazer agora — murmurou Matt.

— Provavelmente, estaria a recusar-se a desfrutar da reforma — disse Ines.

Sloane voltou-se para a porta antes que a sua cara a traísse. Não queria contar-lhes o que lera nos documentos que tinha em sua posse, os indícios de um Bert que ela nunca conhecera.

— Vamos — disse aos outros. — Vão começar a estranhar não nos verem.

4

O convite para a gala estava preso com fita-cola à porta do frigorífico: COMEMORAÇÃO DOS DEZ ANOS DE PAZ. Como se a derrota d'O Tenebroso tivesse trazido harmonia ao mundo inteiro. Tal não acontecera, claro, mas para os Estados Unidos, pelo menos, fora uma razão para se fecharem ao exterior. Uma nova era de isolacionismo, como se lia nos cabeçalhos dos jornais. As reações haviam sido... mistas. Um dos lados celebrara a retirada das tropas de outros países, mas contestara o afastamento das organizações internacionais que zelavam pela paz. O outro lado aplaudira o encerramento das fronteiras, mas resistira ao decréscimo da presença militar no estrangeiro. Onde quer que se situassem no espetro, todas as pessoas tinham partilhado a mesma paranoia. Ninguém sabia de onde viera O Tenebroso, o que significava que ele podia ter vindo de qualquer parte. Podia ser um amigo ou um vizinho, um refugiado ou um imigrante. Até a mãe de Sloane tirara uma licença de porte de arma e começara a praticar na carreira de tiro uma vez por mês, como se isso alguma vez tivesse ajudado alguém contra O Tenebroso, que destruía as armas a partir do seu interior, que fazia os edifícios implodirem, que contorcia o metal sem sequer lhe tocar. Sloane não podia deixar de se perguntar quanto tempo demoraria a APIS a deitar a mão àquele poder. Se é que não o fizera já.

Tirou o vestido do roupeiro e pendurou-o na porta. Era um vestido de cerimónia com contas douradas, ao estilo dos anos 20. Ia pesar-lhe nos ombros, pelo que só tencionava vesti-lo no último minuto. Num dia normal, não se teria incomodado a usar algo tão elegante, mas Sloane adorava ocasiões formais — não que o confessasse a alguém. Até se escondera na casa de banho a ver um tutorial de cosmética do Insta de Esther sobre a aplicação de *eyeliner* com efeito de asa. Se Esther alguma vez descobrisse, Sloane carregaria a vergonha para o resto da vida.

O infeliz modelo justo do vestido ia obrigá-la a usar a peça de vestuário que mais temia no mundo: *lingerie* modeladora, a maior molestadora das

ligeiras imperfeições no tronco de uma mulher desde o espartilho. A última coisa que Sloane queria era acordar na manhã seguinte e ver nos *websites* fotografias ampliadas das pregas na sua cintura, com especulações sobre o estado do seu útero. Os rumores de gravidez perseguiam-na desde que ela e Matt moravam juntos.

Não encontrou o que procurava na sua gaveta da roupa interior, nem na gaveta das meias, por isso foi ao roupeiro de Matt. Às vezes, algumas peças suas perdiam-se naquela profusão de *boxers* pretos. Estava a remexer na roupa interior dele quando os seus dedos tocaram algo pequeno e duro.

Uma caixa, suficientemente pequena para lhe caber na palma da mão. Preta.

Merda.

Olhou para a porta — ainda fechada, sem movimento audível no corredor do outro lado. Ótimo. Abriu a caixa. Lá dentro encontrou um anel, como seria de esperar, mas não era um anel qualquer — era antiquado, com pirite incrustada no lugar de diamantes. Matt lembrara-se do tipo de joia que lhe agradava, embora ela nunca as usasse.

Fechou a caixa com um estalido e voltou a guardá-la na gaveta, com um nó na garganta. Sabia o que aquilo significava, claro: ele ia pedi-la em casamento. E em breve, certamente, porque sabia que a gaveta da roupa interior não era um esconderijo seguro. Com o seu gosto por gestos dramáticos, Matt ia provavelmente fazer-lhe o pedido na gala dessa noite.

O medo deixou-a enjoada. Abriu a porta e espreitou para o corredor. Matt falava ao telefone com o seu assistente, Eddie. Tinha a agenda a re-bentar pelas costuras de tantas causas em que estava envolvido. Só naquela semana, seria moderador de um debate sobre encarceramento em massa, participaria num evento de angariação de fundos para uma escola na zona oeste da cidade, e teria uma reunião com um senador para discutir serviços de apoio psicológico subsidiados para sobreviventes dos ataques d'O Tenebroso com PSPT. O telefonema não terminaria tão cedo.

Sloane fechou novamente a porta e sentou-se na beira da cama, olhando a moradia bifamiliar do outro lado da rua, aquela que tinha as espalhafatosas luzes azuis penduradas nos beirais todo o ano.

Sloane pegou no telefone e marcou um número para o qual não ligava havia anos. O número da sua mãe.

— Sim? — A voz de June Hopewell soou ríspida como sempre.

— Mãe?

— Sloane?

Sloane franziu o sobrolho.

— Sim, sou eu, a não ser que tenhas mais filhos de que eu não saiba.

— Vi-te na televisão, esta manhã — disse June. — Não vais mesmo repensar essa política de não dares autógrafos? Parecia que estavas a ser perseguida por lobos.

— Não, mãe. Não vou. — Sloane não achava que a mãe quisesse realmente saber se ela dava autógrafos ou não, mas desde a derrota d'O Tenebroso, June opinava sobre tudo o que ela fazia, talvez na tentativa de compensar a inexistente influência parental durante o seu crescimento. Afinal, a mãe perdera toda a sua adolescência, em virtude de se ter estado positivamente nas tintas quando o governo a fora buscar.

— Escuta, queria falar contigo — começou Sloane. — Acabei de encontrar um anel numa gaveta do Matt. Um anel de noivado.

A mãe ficou em silêncio do outro lado da linha.

— Está bem. E...? — perguntou por fim.

— E...? — Sloane bateu com uma mão na testa. — E estou a passar-me!

— Slo, vocês vivem juntos há dez anos.

Sloane sentiu-se afogueada.

— Nunca falámos, sequer, sobre isso! Não achas que se ele quisesse casar comigo teria, sei lá, falado sobre o assunto, como quem não quer a coisa, em algum momento? Tanto quanto ele sabe, eu odeio toda a instituição do casamento, por princípio.

— Embora isso não cause espanto, tendo em conta o número de coisas que tu odeias — disse June, com uma ligeira nota divertida na voz —, talvez ele quisesse fazer-te uma surpresa.

Sloane observava um gato que avançava furtivamente pelo passeio, lá fora.

— Sloane. — A mãe suspirou. — Não vais encontrar melhor do que ele. Acredita.

Sloane não respondeu.

— Tenho de ir — disse June.

Fazer o quê?, pensou Sloane. Desligou sem se despedir, o que também não causaria espanto a June. Costumavam falar apenas uma vez por ano, no Natal, durante cerca de cinco minutos. Não diziam uma palavra de afeto uma à outra desde a infância de Sloane. Desde antes de o seu pai partir, e de aparecer numa morgue do Arkansas — morto por um Vórtice —, e de June ter ido identificar o corpo.

Não vais encontrar melhor do que ele. Ela tinha razão, obviamente,

porque Matt emanava tanta bondade que uma pessoa às vezes tinha vontade de o esmurrar. Não o amar era como não amar a liberdade. Ou cachorrinhos.

Mas o modo como June o dissera irritara Sloane. *Não vais encontrar melhor do que ele.* E também isso era verdade — o que havia ela de fazer, registrar-se num *site* de encontros? Fingir que tinha um emprego normal? Em que momento havia de mencionar que era uma das cinco pessoas que tinham salvado a humanidade? Era uma conversa para o terceiro encontro, ou seria mais indicada para o quinto?

Mas teria sido agradável, pensou, se June, por uma vez, tivesse dito algo amável e reconfortante.

Sloane ficou sentada, com o telefone nas mãos. Anoitecia, e as luzes azuis ofuscantes tinham-se acendido, do outro lado da rua. Sentia-se em desequilíbrio, como se o quarto se tivesse movido em redor. Mas também sabia que quando Matt a pedisse em casamento, ela aceitaria, porque essa era a única coisa racional a fazer. Iam casar-se, ele cuidaria dela e Sloane faria tudo ao seu alcance para o merecer.

CONFIDENCIAL



AGÊNCIA PARA A PESQUISA E INVESTIGAÇÃO DO SUPRANORMAL

ASSUNTO: ACONTECIMENTOS INEXPLICADOS DE 2005,
TRANSCRIÇÃO DO INTERROGATÓRIO AO AGENTE RESPONSÁVEL
██████████, NOME DE CÓDIGO BERT

AGENTE S: Identifique-se para que fique registado em ata, por favor.

AGENTE K: O meu nome é ██████████, mas para esta missão foi-me atribuído o nome de código Robert Robertson.

AGENTE S: Registado. Está aqui hoje para nos pôr ao corrente da extração do Sujeito 2 do Projeto Ringer, Sloane Andrews.

AGENTE K: Correto. Fui notificado no dia 17 de outubro de que o Sujeito 2 tinha sido identificado e de que a sua extração devia ocorrer de imediato.

AGENTE S: Segundo o registo, verificou-se um atraso de vinte e quatro horas na ação, apesar dessa ordem. Pode explicar este facto?

AGENTE K: Sim. Pedi um adiamento de uma semana, de modo que o Sujeito 2 pudesse assistir ao funeral do seu irmão. O meu pedido foi indeferido, mas deram-me um adiamento de vinte e quatro horas. Pareceu-me insuficiente, mas cumpri a ordem e apresentei-me na residência Andrews a 18 de outubro, pelas 15h00.

AGENTE S: E qual foi a sua impressão da residência Andrews?

AGENTE K: A que se previa. Os serviços de informação tinham-me indicado que a família Andrews pertencia a um nível socioeconómico relativamente baixo, por isso eu estava preparado para a casa decrepita e para o aspeto degradado do resto do bairro.

AGENTE S: E estabeleceu contacto com o Sujeito 2 logo à chegada?

AGENTE K: Ela estava sentada nos degraus à entrada da casa. Tinha uma aparência desmazelada. Confirmei o seu nome e apresentei-me com o meu nome de código.

AGENTE S: Como reagiu ela?

AGENTE K: Disse: «Parece um nome falso.»

AGENTE S: Astuta. Respondeu-lhe?

AGENTE K: Confirmei que se tratava, efetivamente, de um nome falso.

Pensei que seria mais fácil ganhar a sua confiança se fosse honesto com ela.

AGENTE S: Registrado. Prossiga.

AGENTE K: Perguntei-lhe se a sua mãe estava em casa. Ela mostrou-se desconfortável. Perguntou-me quem eu era e o que queria, ao que respondi que só podia falar com ela na presença da mãe. Ela replicou que se eu estava à espera de que a mãe estivesse «presente», mais valia esperar sentado.

AGENTE S: Ah...

AGENTE K: Pareceu-me, então, necessário mudar de abordagem. Tipicamente, com os sujeitos do Projeto Ringer, falo com o familiar e com o sujeito ao mesmo tempo, mas tratava-se de uma situação particular. Pai e irmão mortos, e, ao que tudo indicava, uma mãe incapaz. Esta jovem estava praticamente sozinha. Então, decidi falar com ela a sós. Perguntei-lhe se podia entrar; ela não o permitiu. Disse que não ia deixar um estranho entrar em casa. Assim, fiquei onde estava.

AGENTE S: Como começou?

AGENTE K: Ela tornou a perguntar-me quem eu era. Respondi-lhe que pertencia a uma agência governamental clandestina, cuja natureza exata não podia revelar, e que estava ali por causa de uma profecia.

AGENTE S: Que fique registado em ata que o agente se refere à Visão Precognitiva #545, relativa ao Tenebroso e ao seu igual, coloquialmente referido como O Escolhido. Como reagiu ela à noção de uma profecia?

AGENTE K: Disse: «Não acredito em nada disso. Só no que posso ver e tocar.» Perguntei-lhe como explicava aquilo que O Tenebroso era capaz de fazer. Talvez tenha sido um comentário infeliz, uma vez que o irmão dela tinha sido morto pelo Tenebroso ainda nessa semana...

AGENTE S: Ela reagiu mal?

AGENTE K: Antes pelo contrário, na verdade. Adotou uma atitude indiferente. Completamente inexpressiva. E disse: «Não sei.» Decidi que o melhor seria apelar ao seu lado lógico e sugeri que o que lhe desagradava talvez fosse a palavra *profecia*. Depois citei-lhe a terceira lei de Newton.

AGENTE S: Para que fique em ata, a terceira lei de Newton diz que para toda a ação se verifica uma reação igual e oposta.

AGENTE K: Obrigado pelo esclarecimento.

AGENTE S: Nem toda a gente se lembra das aulas de física, senhor agente.

AGENTE K: Expliquei-lhe que a profecia predizia, simplesmente, que para

enfrentar O Tenebroso surgiria um indivíduo igual e oposto. Tínhamos, por outras palavras, recebido uma lista de características que nos ajudaria a identificar essa pessoa. Tínhamos trabalhado em conjunto com o Canadá e com o México para reduzir as possibilidades, uma vez que os ataques haviam, até à data, ocorrido exclusivamente na América do Norte. Quando o irmão da Sloane morrera às mãos d'O Tenebroso, ela tornara-se uma dessas possibilidades.

AGENTE S: Não estive com rodeios.

AGENTE K: Achei que uma jovem obrigada a ser tão independente, em virtude da negligência parental, interpretaria a minha franqueza como respeito pela sua autonomia. Estava certo, ao que parece — ela escutou-me sem reação aparente. Acrescentei ainda que o meu trabalho consistia em preparar os cinco potenciais Escolhidos, para que a humanidade tivesse a sua melhor hipótese de sobrevivência.

«Quer dizer que eu sou “a Escolhida”?», perguntou-me, fazendo aspas com os dedos ao dizer «a Escolhida».

Respondi-lhe: «Sim e não. Quer dizer, *talvez* seja.» Mencionei alguns dos requisitos que ela cumpria — a morte do pai e do irmão, o facto de ter nascido na lua cheia perto do equinócio de outono, uma mãe que não partilhava o seu apelido, o tipo raro de sangue, AB negativo...

AGENTE S: Isto é, os critérios de identificação preliminar, ou CIP.

AGENTE K: Exato. Relativamente a este ponto, se tivesse de descrever a reação dela, diria que se mostrou cética. Perguntou-me quem fizera a profecia e por que razão havia o governo de prestar atenção a, passo a citar, «uma pessoa louca a vomitar poesia».

Eu tinha autorização para revelar pormenores sobre a vidente. Disse que o seu nome era ██████████, e que demonstrara repetidas vezes um conhecimento para lá da nossa compreensão, tendo feito 746 previsões que tínhamos podido comprovar.

AGENTE S: E qual foi a reação dela?

AGENTE K: Foi estranha — os outros sujeitos tinham demonstrado incredulidade ou medo ou até, no caso do Sujeito 1, uma determinação inabalável. Mas a Sloane Andrews foi a primeira a perguntar o que aconteceria se dissesse «não».

AGENTE S: Não?

AGENTE K: Sim — não. Se se recusasse a combater O Tenebroso.

AGENTE S: [rindo] Disse-lhe que ela não tinha propriamente escolha?

AGENTE K: Julgo que teria sido insensato. Ela lembrou-me um pouco um

cão vadio — se tentarmos agarrá-lo, é capaz de nos morder. Mas se tivermos cuidado podemos convencê-lo a vir ao nosso encontro.

AGENTE S: Se soubermos o que ele come.

AGENTE K: Exato. E penso que, neste caso, o respeito foi o engodo certo. Então, disse-lhe: «Acho que se disser que não, aumentará dramaticamente as hipóteses de o mundo acabar.» Referir consequências em vez de restrições — uma escolha sem um resultado aceitável.

AGENTE S: Resultou?

AGENTE K: Sim. Ela ficou muito quieta durante algum tempo. Poucas vezes vi uma pessoa da idade dela capaz de ficar imóvel daquela maneira. Disse simplesmente: «Que merda esta», e começou a discutir aspetos logísticos comigo.

AGENTE S: Profundo.

AGENTE K: Ao contrário do que possa ter visto em filmes, os nossos Escolhidos raramente fazem declarações poéticas. Neste caso, julgo que ela foi o único sujeito que realmente se apercebeu do que tinha pela frente.

AGENTE S: Que aspetos logísticos discutiram?

AGENTE K: O treino que a esperava em ██████ no ██████, os preparativos para a sua partida, quando viria buscá-la. Perguntei-lhe quanto tempo seria necessário para se preparar, e ela pediu-me um dia. Quando lhe perguntei se não queria mais tempo para se despedir de família e amigos, e para explicar a situação à sua mãe, respondeu-me que seria rápido. «Caso não tenha reparado, estou sozinha aqui», julgo que foi o que ela disse.

AGENTE S: Não pensou que a mãe se opusesse a que ela fosse levada por uma agência governamental desconhecida para combater O Tenebroso?

AGENTE K: Não, não pensou. E, ao que tudo indica, estava certa. Quando voltei no dia seguinte ela estava sentada no mesmo sítio, com uma mochila e uma velha caixa de cartão.

AGENTE S: Vou ser franco consigo, não creio que seja ela. Estou a apostar no Sujeito 4.

AGENTE K: Só espero que tenhamos acertado em pelo menos um deles.

CONFIDENCIAL

Sloane enfiou mais uma garfada de folhado de espinafres na boca. Estava com Esther, de pé, junto a uma das mesas altas perto do *buffet*, no salão de baile onde decorria a gala dos Dez Anos de Paz. Tinham as cabeças muito próximas, como se a conversa fosse séria. Era a única forma de as deixarem sossegadas o tempo suficiente para conseguirem comer. Ser um dos Escolhidos numa gala da Paz era como ser a noiva num copo-d'água.

Estavam no magnífico salão de baile do Drake Hotel. Era um espaço branco e dourado — um chão branco de mármore, com pilares decorados com filigrana de ouro e lustres que projetavam uma luz dourada suave. Ao longo de uma parede, janelas do chão ao teto mostravam a curva da Lake Shore Drive e as luzes dos edifícios que ladeavam a estrada e a extensão negra que era o lago Michigan à noite.

Em redor, homens de *smoking* e mulheres de vestido comprido formavam pequenos grupos, segurando taças de champanhe pelo pé. O olhar de Sloane cruzou-se com o de um convidado e ela voltou-se de imediato para o outro lado, não querendo dar azo a uma conversa.

— Não paras de fazer caretas — disse-lhe Esther.

— Esta manhã feri-me com a gilete numa axila, e transpirar é literalmente esfregar sal na ferida — explicou Sloane. Uma gota de suor rolara-lhe pela zona inflamada, e a sensação não era agradável.

Foi a vez de Esther fazer uma careta.

— Não há nada pior.

Esther vestira algo que mais ninguém conseguiria usar com êxito, um vestido comprido drapeado, de um verde-água suave. Tinha o cabelo apinhado atrás, num coque simples. Colocara uma espessa camada de maquilhagem, como era seu hábito, mas desta vez o efeito estava adequado à ocasião, com uma sombra cinzenta nos olhos, como se um farrapo de fumo lhe tivesse pousado em cada pestana.

— Sinto a falta disto — disse Esther. Estava a picar azeitonas de uma salada de massa, tentando enfiá-las todas ao mesmo tempo no garfo. O seu olhar fixo no prato fazia parte do disfarce; quando uma pessoa baixava o olhar, os outros achavam que ela podia estar a chorar, e evitavam-na. Aquela postura, combinada com o olhar mortífero que Sloane lançava a qualquer um sem esforço, ia mantê-las a salvo durante alguns minutos.

— Como está a tua mãe? — perguntou Sloane.

— Não está bem. — Esther encolheu os ombros. — O oncologista diz que nesta fase não podemos fazer grande coisa, a não ser... adiar o inevitável.

— Lamento muito, Essy. Quem me dera ter algo mais profundo para dizer, mas... que merda!

Parecia, na verdade, injusto que tivessem salvado o mundo derrotando uma entidade de mal supremo *usando magia*, mas que não conseguissem proteger as suas famílias de perigos mundanos. Para a humanidade, eles eram Os Escolhidos, salvadores, heróis — mas o cancro tornava toda a gente igual.

— Mais vale seres honesta do que profunda — disse Esther num tom distante.

Sobre o ombro de Esther, Sloane viu um jovem esbelto de *smoking*, com um laço azul ao pescoço, que olhava a sua amiga com interesse. Sloane estreitou os olhos, abanou a cabeça, e ele afastou-se.

— Também sentimos a tua falta — disse Sloane. — Apesar de estarmos rabugentos.

— Oh, será que *estamos* rabugentos? — Esther ergueu uma sobrancelha. — Slo, até eu na Califórnia vejo que te estás a passar. Qual é o teu problema, ultimamente?

Sloane olhou-a de esguelha. Ocorreu-lhe chamar o homem do laço azul de volta; talvez ele distraísse Esther daquela conversa.

— Não penses que me metes medo com os teus olhares irados — disse-lhe Esther. — Fiz-te uma pergunta.

Ela e Esther tinham sempre conversas como aquela. Comunicavam à maneira de arietes, para o bem e para o mal, o que significava que chocavam muitas vezes, com efeitos catastróficos. Mas também não perdiam tempo. Quando Esther tinha algo a incomodá-la, dizia-o sem rodeios, e não era preciso tentar adivinhar-lhe os pensamentos.

— Requisitei alguns documentos oficiais — disse Sloane. — Lê-los... abriu-me os olhos.

— Sabes — disse Esther —, às vezes é melhor continuar de olhos fechados. — Bebeu um pequeno gole de champanhe. — Bem, tira esse bocado de espinafre dos dentes, porque acho que o Matt vai pôr toda a gente a olhar para ti.

Os músicos a um canto tinham parado de tocar os seus violoncelos e violinos e... aquilo era um contrabaixo? Estavam todos voltados para o outro lado da sala, onde se encontrava Matt, com o seu *smoking* impecável e de laço dourado, um sorriso de orelha a orelha. Bateu numa taça de champanhe com uma faca de manteiga, tentando silenciar a sala.

— A vossa atenção, por favor! — A sua voz ressoou através do espaço. Comandante Matt, era como lhe chamavam quando ele falava assim na luta contra O Tenebroso. Mais ninguém os podia ter liderado, a não ser ele; nenhum dos outros quatro conseguiria fazer-se ouvir sobre o ruído do Vórtice.

Sloane enfiou apressadamente uma unha entre os dois dentes da frente, para tirar o pedaço de espinafre.

A sala aquietou-se finalmente. Todos se voltaram para Matt, obedientes como alunos numa sala de aula.

— Obrigado, e desculpem a interrupção — começou ele, suavizando o tom, passando do Comandante Matt ao Político Matt. — Queria pedir-vos que me ouvissem por uns minutos. Onde está a Sloane?

Sloane tirou o dedo da boca e endireitou-se. Matt fez-lhe sinal e ela aproximou-se, ficando ao lado dele no meio do salão de baile, sob um dos lustres. Sentia o peito tão apertado que lhe doía. Matt segurou-lhe a mão. Sloane olhou-o, expectante, e notou que a sua mão ficara dormente. Devia *mesmo* ter bebido uma terceira taça de champanhe.

— Percebi que estava apaixonado pela Sloane há cerca de onze anos — disse Matt. — Perto de um dos locais do Vórtice, onde eu tinha ido investigar O Tenebroso, estava um miúdo pequeno, que se perdera dos pais. E a Sloane andava com ele ao colo, dirigindo-se a cada pessoa que via.

Sloane lembrava-se do miúdo. Pegara-lhe ao colo porque ele se recusara a andar, e não queria perder tempo a discutir. Surpreendera-a a facilidade com que ele se lhe agarrara à anca, uma vez que nunca tinha pegado numa criança.

— Ela ia interrompendo as conversas para perguntar se alguém o conhecia. Com aquele modo de falar da Sloane... quem a conhece sabe como é. — Um riso baixo percorreu a sala. Até as pessoas que não a conheciam

seriam, provavelmente, capazes de imaginar, se tivessem lido as dezenas de artigos escritos sobre ela ao longo da década anterior, em que lhe chamavam instável, taciturna, temperamental, mal-humorada, uma cabra. Uma anti-heroína. Sentiu o rubor nas faces. Porque estava ele a fazer uma piada a esse respeito?

Matt continuou.

— A Sloane é como um ovo da Páscoa de chocolate: a parte de fora é dura, mas quando a quebramos, provamos a parte cremosa que está lá dentro. — Matt sorria, os olhos brilhantes.

Ele queria dizer algo carinhoso. Em vez disso, estava a fazê-la sentir-se como uma criança com um vestido de mulher.

Matt tirou a pequena caixa do bolso, abriu-a, e apoiou um joelho no chão. Algumas pessoas em redor sustiveram a respiração.

— Eu amo-te, Sloane. Amo-te há muito tempo. — Ele não desviou os olhos dos dela, mas toda a gente em volta pegara nos telemóveis para gravar o momento. As imagens, como a maioria dos vídeos em que Sloane era captada por estranhos, apareceriam depois em programas de televisão e nos jornais e blogues de mexericos, e seriam analisadas ao mais ínfimo pormenor. A sua expressão, a postura, a roupa, até o maldito batom.

— E quero passar o resto da minha vida a quebrar essa camada dura de chocolate — continuou Matt. — Aceitas casar comigo?

A multidão suspirou em unísono, como um gigantesco animal.

Não deixes que te vejam, ordenou a si própria, como fizera quando os súbditos d'O Tenebroso — agora mortos; tinham morrido com ele — a tinham cercado durante a noite. Mas neste caso a solução não era fugir, era esconder-se à vista de todos.

Sloane muniu-se de tudo o que aprendera sobre representação, nas entrevistas que dera após as batalhas, e sorriu, esperando que os seus olhos brilhassem.

— Sim. — A palavra saiu quase como um arquejo, dando a ideia de que ela mal conseguia falar, e foi perfeito, porque Matt se levantou e a abraçou, fazendo-a girar, e assim já ninguém podia analisar a sua expressão.

A multidão aplaudia, e ouvia-se o coro digital dos *smartphones*, e as câmaras de televisão rodearam-nos para os captar de todos os ângulos — Matt de *smoking*, Sloane com o seu vestido dourado. O Escolhido e a sua noiva ruborizada.

Que era, ao que parecia, um belo ovo da Páscoa.

Sloane estava ali, a desejar que houvesse uma forma socialmente aceitável de limpar o suor das axilas, que estavam a *ard*er, mas, ao mesmo tempo, já *não estava* ali.

Encontrava-se junto ao rio, o ar gelado a queimar-lhe os pulmões, e via O Tenebroso do outro lado da ponte, antes da última batalha. Uma parte de si estaria sempre naquele lugar.